

Presidente manda recados em discurso acadêmico

CRISTIANO ROMERO

Enviado especial

BOLONHA — O sociólogo e professor Fernando Henrique Cardoso voltou ontem, por alguns instantes, para os bancos escolares. Homenageado com mais um título *Doutor Honoris Causa*, este da Universidade de Bolonha — a mais antiga do mundo, com 909 anos de existência —, o presidente retribuiu a comenda fazendo um discurso acadêmico mas, ao mesmo tempo, com forte tempero político, pontilhado de recados para a classe política brasileira e, em especial, para os adversários políticos de hoje, aliados no passado.

O sociólogo que — ao assumir o Ministério da Fazenda em 1993, iniciou a arrancada política que o levou à presidência da República — pediu para que

esquecessem tudo o que ele havia escrito como acadêmico, pediu ontem uma espécie de asilo a seus pares intelectuais, dizendo que havia aprendido em sua formação que “a obrigação de rigor e o cuidado na pesquisa não devem nunca significar o abandono de ideais”. “Recebo esta homenagem como sociólogo”, avisou Fernando Henrique, professor aposentado da USP.

No discurso de sete páginas lido em italiano, intitulado “Alguns aspectos da questão da democracia nos dias de hoje”, Fernando Henrique falou dos dilemas do sociólogo-político; exaltou a negociação como uma das chaves da consolidação democrática; pregou a tolerância e, citando o cientista político italiano Roberto Bobbio, atacou o fanatismo; criticou a proliferação de ONGs (Organizações

Não-Governamentais); bateu nos partidos políticos; e elogiou a importância dos meios de comunicação para a democratização do país e o sucesso do Plano Real.

“Hoje, na posição onde me encontro, em que lido permanentemente com as tramas da política, em que as exigências de decisão nunca se oferecem com simplicidade, os momentos de reflexão — julgados pelos padrões acadêmicos — parecem sempre curtos”, reconheceu Fernando Henrique. “A decisão política não pode, porém, estar em débito com o pensamento, ainda que este tenha outro andamento e outro tempo, definidos pelo complexo encontro das vontades e dos interesses sociais em que os rigores do método deverão, muitas vezes, ser substituídos pela sensibilidade e a coragem”, discursou.

Sobre os partidos, Fernando Henrique

disse que, em muitos casos, houve um “atraso” na compreensão e tradução das reivindicações surgidas a partir de uma explosão de demandas sociais, principalmente, nas sociedades latino-americanas. Faltaram aos partidos, sobretudo, eficácia e eficiência, na opinião do presidente.

Da imprensa, Fernando Henrique disse que é fundamental para a governabilidade porque traduz os anseios da cidadania e também porque cria uma agenda pública. “Não conheço qualquer autoridade pública que não comece o dia pela leitura de jornais”, disse. Apesar disso, lembrou as distorções, exageros e a preocupação da imprensa em “escandalizar processos e personalizar acontecimentos”. “O elogio é exceção rara”, ressaltou Fernando Henrique, que ganhou uma edição de *A República*, de Platão.